

Comentário Bíblico Expositivo¹ em

Ageu

Edição 2021

Dr. Thomas L. Constable

Introdução

TÍTULO E AUTOR

O título deste livro profético é, provavelmente, também o nome de seu autor.² Pieter Verhoef mencionou outra possibilidade:

“Koole... compara a forma como outros livros proféticos se originaram, e conclui que Ageu, assim como Jeremias, provavelmente ditou suas próprias notas para um ou dois de seus discípulos. Esse procedimento justificaria a terceira pessoa, a brevidade do registro e o uso peculiar da fórmula ou revelação”.³

Ageu fez referência a si próprio como o “profeta Ageu” (1.1; et al.). Nada sabemos acerca de seus pais, ancestrais ou de sua tribo de origem. Seu nome aparentemente significa “festivo” ou provavelmente “festa de Yahweh”. Isso é apropriado uma vez que muito do que Ageu profetizou diz respeito às bênçãos milenares. O nome é uma forma da palavra hebraica *hag*, que significa “festa”. Isso levou alguns estudiosos do livro a especularem que o nascimento de Ageu deve ter ocorrido durante uma das festas de Israel.⁴ Esdras mencionou que durante os ministérios proféticos de Ageu e Zacarias os exilados judeus que retornaram do exílio completaram a restauração do Seu templo (Ed 5.1; 6.14; cf. Zc 8.9; 1 Ed 6.1; 7.3; 2 Ed 1.40; Eclesiástico 49.11).

A referência que Ageu faz à glória do antigo templo antes que os babilônios o destruíssem (2.2) pode ou não implicar no fato de ele ter visto o templo. Se aconteceu, seria um homem já idoso no momento em que pregou as mensagens contidas neste livro.⁵ Neste caso ele teria mais de 70 anos quando profetizou. Entretanto, não podemos ter a certeza, a partir do texto no capítulo 2.3, de que ele viu o templo anterior.

¹ Apesar de alguns dos livros citados nesta obra já terem sido traduzidos para o vernáculo, este projeto de tradução optou por traduções independentes das citações, à guisa de uniformização. Os textos das referências bíblicas foram extraídos da versão Almeida Revista e Atualizada, 2a ed. (Sociedade Bíblica do Brasil), salvo indicação específica.

² Veja R. K. Harrison, *Introduction to the Old Testament*, págs. 944-948; E. J. Young, *Introduction to the Old Testament*, págs. 267-269; G. L. Archer Jr., *A Survey of Old Testament Introduction*, págs. 407-408; H. E. Freeman, *An Introduction to the Old Testament Prophets*, págs. 326-332.

³ Pieter A. Verhoef, *The Books of Haggai and Malachi*, pág. 13. Ele faz referência a J. L. Koole, *Haggai*, pág. 9.

⁴ P. ex.: Joyce G. Baldwin, *Haggai, Zechariah, Malachi: An Introduction and Commentary*, pág. 28; Verhoef, pág. 4; Richard A. Taylor e Ray Clendenen, *Haggai, Malachi*, pág. 44. Taylor foi quem escreveu o comentário em Ageu.

⁵ E. B. Pusey, *The Minor Prophets*, 2:293.

Algumas edições da Septuaginta grega e versões da Vulgata latina do Livro dos Salmos atribuem a autoria de alguns salmos a Ageu e a Zacarias (i.e., 111-112, 125-126, 137-138, e 145-149). Não existe outra evidência de que qualquer destes profetas tenha escrito tais salmos. O motivo para esta conexão parece ter sido a proximidade que estes profetas tinham com o templo onde tais salmos eram cantados.

CONTEXTO HISTÓRICO

Os babilônios, liderados pelo rei Nabucodonosor, destruíram a cidade de Jerusalém, juntamente com o templo de Salomão, em 586 a.C. e levaram a maioria dos judeus cativos para a Babilônia. Lá, os judeus não podiam praticar sua adoração formal (culto religioso) conforme descrevia a Lei Mosaica, pois não tinham nem altar nem templo autorizados para tal prática. Eles oravam secretamente, voltados para Jerusalém (cf. Dn 6.10), e provavelmente também publicamente, e ergueram sinagogas nas quais podiam ouvir a leitura da Lei e adorar a Deus informalmente.

O rei Ciro, da Pérsia, permitiu que os judeus exilados retornassem à sua terra em 538 a.C. Pelo menos três ondas de retorno tiraram proveito dessa oportunidade. A primeira destas era um grupo de quase 50.000 judeus que retornaram sob a liderança de Sesbazar, e Zorobabel que o substituiu, em 537 a.C. (Ed 1.2-4) (Outra perspectiva é que Sesbazar era o nome caldeu para Zorobabel).⁶ Esdras conduziu o segundo grupo de 1.700 homens, além de mulheres e crianças (quem sabe cerca de 5.000 pessoas), de volta à Jerusalém em 458 a.C. e Neemias liderou o último grupo de 42.000 israelitas em 444 a.C. Ageu e Zacarias parecem ser dois destes que retornaram acompanhando Sesbazar, bem como o sumo-sacerdote Josué, embora o nome de Ageu não apareça na lista dos que retornaram nos capítulos iniciais de Esdras.

“A população era de um terço do seu tamanho pré-exílico, estimada entre 13.350 e 20.650, enquanto a capital Jerusalém foi reduzida a um quinto do seu tamanho pré-exílico”.⁷

Durante o ano seguinte, o primeiro grupo dos que retornaram reconstruiu o altar de bronze em Jerusalém, retomou as ofertas de sacrifício nele, celebrou a Festa dos Tabernáculos e construiu a fundação para a reconstrução do (segundo) templo. A oposição à reconstrução resultou no atraso da obra em 16 anos. Durante este longo período, apatia com relação à reconstrução do templo estabeleceu-se entre os moradores de Judá e de Jerusalém. Então, em 520 a.C., como resultado da mudança do governo persa e da pregação de Ageu, o povo retomou a reconstrução do templo.⁸

Ageu emitiu o chamado para a retomada da construção em 520 a.C. e Zacarias logo se juntou a ele. O ministério de Zacarias durou mais do que o de Ageu. Os que retornaram concluíram o projeto cerca de cinco anos mais tarde, em 515 a.C. (cf. Ed 1-6). Uma forma de se calcular o cativeiro de 70 anos é: a partir da primeira deportação, em 605 a.C. até o ano do início da reconstrução do templo, em 536 a.C. Uma outra forma é contar a partir da destruição do templo, em 586 a.C. até a conclusão da sua restauração, em 515 a.C.

⁶ C. F. Keil, “Haggai”, em *The Twelve Minor Prophets*, 2:176; Pusey, 2:300; Arno C. Gaebelin, *The Annotated Bible*, 2:3:252.

⁷ Mark J. Boda, *Haggai, Zechariah*, pág. 36.

⁸ Mark. Para detalhes acerca das mudanças no governo persa, veja Robert L. Alden, “Haggai”, em *Daniel-Minor Prophets*, vol. 7 do *The Expositor’s Bible Commentary*, págs. 569-571; ou Eugene H. Merrill, *An Exegetical Commentary: Haggai, Zechariah, Malachi*, págs. 5-9.

Dados Cronológicos Relevantes a Ageu⁹	
587/586	Destruição de Jerusalém e do templo, e a terceira deportação dos judeus para a Babilônia
585	O assassinato de Gedalias
561-560	A libertação do rei Jeoaquim
559	Ciro, o Grande, (559-30) ascende ao trono persa
539	Ciro conquista a Babilônia
538	Édito de Cyrus; primeira onda de retorno sob a liderança de Sesbazar
530	Cambises (530-22) sucede Cyrus, e morre de maneira inesperada, cerca de 1 de Julho de 522.
522	A Revolta de Gaumata (Bardiya ou Esmédis) e problemas de ascensão (11 de março-5 de Outubro); Dario assume (5 de Outubro) e cria as satrapias
522-521	Dario consolida seu império; Zorobabel nomeado governador em Yehud (Judá)
520	As obras se iniciam (novamente?) na reconstrução do templo de Jerusalém; cerimônia dos alicerces do templo (18 de Dezembro)
518	Dario decreta a codificação e a autoridade das leis egípcias
515	Nova dedicação do templo (possivelmente em 516)

DATA

Ageu anunciou quatro mensagens para a comunidade em processo de restauração, e datou todas elas do segundo ano do rei Dario I (Histaspes) da Pérsia (i.e., 520 a.C.). É bastante provável que Ezequiel e Daniel já tivessem morrido àquela altura. Seu ministério, conforme registrado no livro, durou menos de quatro meses, desde o primeiro dia do sexto mês (1.1) até o vigésimo-quarto dia do nono mês (2.20). É possível que o ministério de Ageu tenha se iniciado antes de 520 a.C. e tenha continuado alguns anos depois.¹⁰ Mas isso é especulação.

No calendário moderno isso teria acontecido entre 29 de Agosto e 18 de Dezembro, 520 a.C.¹¹ Isso significa que Ageu foi o primeiro profeta a escrever para os israelitas em retorno. Zacarias começou a profetizar aos israelitas em retorno do oitavo mês do mesmo ano (Zc 1.1). Ageu foi o profeta mais preciso em termos de datação das suas mensagens.

A precisão na datação das profecias, que é uma marca de Ageu e de Zacarias, reflete um estilo de escrita histórica *dependente dos anais disponíveis* que distinguiam as épocas Neo-babilônica e Persa.¹² Ezequiel, que foi provavelmente o contemporâneo mais velho desses profetas, foi o terceiro mais preciso na datação de suas profecias, e Daniel, outro contemporâneo, também foi preciso, porém não tão detalhado. Semelhantemente, Esdras e Neemias, que escreveram depois de Ageu e Zacarias, demonstraram o mesmo interesse na precisão cronológica.

⁹ Adaptado de Carol L. Meyers e Eric M. Meyers, *Haggai, Zechariah 1-8*, pág. xxxi.

¹⁰ Leon J. Wood, *The Prophets of Israel*, pág. 365.

¹¹ Jack Finegan, *Handbook of Biblical Chronology*, págs. 212-213; R. A. Parker e W. H. Dubberstein, *Babylonian Chronology 626 B.C.-A.D. 45*, pág. 30.

¹² P. ex.: veja D. J. Wiseman, *Chronicles of Chaldean Kings (625-556 B.C.) in the British Museum*.

“Com a ajuda de evidências de uma gama de textos babilônicos e de novos tablets lunares calculados a partir de dados astronômicos, já se provou ser possível sincronizar o antigo calendário lunar com o calendário juliano com resultados precisos”.¹³

Ageu escreveu seu livro provavelmente entre 520 e 515 a.C., o ano em que os judeus que retornaram do cativeiro completaram a construção do templo. A ausência de referência à conclusão do templo, embora não seja um argumento forte para esta postura, parece razoável - uma vez que a menção da conclusão do templo seria uma boa maneira de encerrar o livro.

LOCAL DE COMPOSIÇÃO

Ageu obviamente pregou e evidentemente escreveu em Jerusalém, conforme fica claro das referências feitas ao templo em ambos os capítulos. A referência que ele faz aos montes próximos (1.8, 11) confirmam essa localização. Não havia montes de fato onde os exilados viviam na Babilônia.

PÚBLICO E PROPÓSITO

Ageu foi tão específico com relação aos seus ouvintes quanto foi a respeito de quando profetizou. O primeiro oráculo foi para Zorobabel e Josué, o governador judeu de Judá e o sumo-sacerdote (1.1). O profeta pregou uma segunda mensagem para estes homens e para o remanescente do povo (2.1). O terceiro oráculo foi para os sacerdotes (2.11), e o quarto oráculo foi para Zorobabel (2.21). Obviamente tais oráculos tinham um público mais abrangente, a saber, toda a comunidade que havia retornado e eventualmente a população geral do mundo.

“Ageu é uma história profética que pretende interpretar a importância religiosa e teológica dos eventos históricos que narra”.¹⁴

O propósito de Ageu era simples e claro. Ele desejava motivar os judeus a construir o templo. Para fazer isso ele também atingiu um propósito secundário: confrontou o povo com suas prioridades equivocadas. Eles estavam construindo suas próprias casas ao passo que negligenciavam a casa de Deus. Era importante concluir a construção do templo pois somente desta forma o povo poderia retomar totalmente a adoração levítica, conforme o Senhor havia especificado. Eles haviam sido levados cativos por infidelidade à aliança. Por isso, precisavam voltar à obediência plena à Aliança Mosaica. Além disso, no Oriente Médio antigo, a glória do(s) templo(s) de uma nação refletia a glória do(s) deus(es) daquelas nações. Portanto, *concluir* o templo significava glorificar a Yahweh.

“... ele também escreveu para fornecer esperança ao povo anunciando que o programa de bênção divina seria colocado em vigor ‘dentro em pouco’ (2.6) quando Deus novamente ‘[abalará] os céus e a terra’ (2.6, 21)”.¹⁵

“Nenhum profeta pregou de maneira mais direta e enfática aos seus próprios contemporâneos, e nenhum profeta teve tanto êxito”.¹⁶

¹³ Verhoef, pág. 5.

¹⁴ Taylor, pág. 56.

¹⁵ Charles H. Dyer, em *The Old Testament Explorer*, pág. 815.

¹⁶ Geroge L. Robinson, *The Twelve Minor Prophets*, pág. 138.

“O resultado de sua pregação foi uma grande vitória. Pois, persuadir todo um povo a fazer sacrifícios financeiros e postergar seus próprios interesses por causa de um santuário público não foi tarefa fácil. Mas Ageu conseguiu, e ao fazê-lo tornou-se o verdadeiro fundador do judaísmo pós-exílico; seu trabalho foi preparatório para os trabalhos de Esdras e Neemias”.¹⁷

ÊNFASE TEOLÓGICA

A ênfase de Ageu encontra-se no templo como local de habitação de Deus na terra, como um centro para adoração e como símbolo da grandeza de Yahweh. Para ele, o templo era mais importante do que o palácio, e os sacerdotes mais importantes do que os príncipes. Não havia rei dos judeus depois da queda de Jerusalém em 586 a.C. Outra ênfase teológica era a importância de glorificar a Deus comparada à vida luxuosa que levavam.

“Os governos trabalham com base na pressuposição de que um produto nacional bruto saudável é a consequência de uma base industrial adequada, um gerenciamento eficiente, de mão-de-obra qualificada, e do atuar favorável das forças mercadológicas – em outras palavras, que a saúde econômica depende de um sistema econômico eficaz. Entretanto, Ageu lança o desafio de deixarmos a economia com os economistas. Aqui também vivemos no mundo de Deus e a menos que a Ele seja dado o lugar central e de honra, as leis criadas por Ele não funcionarão a nosso favor, mas contra nós. Sendo assim, Ageu trata da nossa preocupação de que os recursos do mundo deveriam satisfazer a necessidade presente no mundo e do nosso desejo de que não apenas nossas necessidades sejam satisfeitas, mas também de que nossa vida seja satisfatória. Ele fala acerca do problema da inflação mais explicitamente do que qualquer outro profeta; seu livro é um tratado para todas as épocas”.¹⁸

“O problema teológico desse período era simplesmente o seguinte: Onde podemos encontrar a atividade e a presença de Deus?”¹⁹

Outros temas importantes são: a santidade como um pré-requisito para a adoração, a palavra profética como revelação divina, a soberania divina, a responsabilidade humana, e o futuro da dinastia davídica.²⁰

“O Deus de Ageu e de Zacarias é claramente o Deus da graça e da misericórdia”.²¹

“Deus também é apresentado como um Deus de relacionamento e de presença”.²²

¹⁷ Ibid., págs. 142-143.

¹⁸ J. Alec Motyer, “Haggai”, em *The Minor Prophets*, pág. 963.

¹⁹ Walter C. Kaiser Jr., *Toward an Old Testament Theology*, pág. 250.

²⁰ Veja Taylor, págs. 73-83, para uma discussão a respeito desses temas; e Verhoef, págs. 32-39.

²¹ Boda, pág. 46.

²² Ibid., pág. 47.

CARACTERÍSTICAS

Ageu é o segundo menor livro do Antigo Testamento, atrás de Obadias. O estilo literário do autor é simples e direto. O livro é uma mistura de prosa e poesia, no qual as seções introdutórias são prosa e os oráculos, poesia.

“Podemos concordar com Wiseman, Rudolph e outros de que Ageu empregou um estilo de prosa rítmica ao invés da forma poética comum, muito característica dos profetas”.²³

“Quem sabe seja melhor descrever o estilo dos oráculos de Ageu como ‘prosa poética’ (Ackroyd, *Journal of Jewish Studies* 2 [1952] 164-65”.²⁴

O livro contém quatro mensagens curtas que Ageu pregou aos judeus que retornaram do exílio em menos de quatro meses, no ano 520 a.C. Ageu tinha plena consciência de que as mensagens que pregou aos israelitas vinham de Deus. Ele ratificou a autoridade divina delas 25 vezes. Em contraste com praticamente todos os demais profetas, Ageu foi bem-sucedido no sentido de que o povo para quem ele pregou o ouviu e obedeceu as exortações por ele proferidas.

“Ageu... é preeminentemente o profeta da exortação”.²⁵

“A verdade é que poucos profetas foram capazes de resumir em tão poucas palavras a quantidade de bom senso espiritual como fez Ageu”.²⁶

“É interessante observarmos que a mensagem de Ageu não possui nenhum dos elementos tão característicos de outros profetas bíblicos. Por exemplo: ele não fez nenhuma crítica severa à idolatria. Ele nada falou acerca dos problemas sociais e abusos do sistema legal, nem pregou contra o adultério ou o sincretismo. O tema exclusivo dele era a reconstrução do templo de Deus”.²⁷

“A maioria dos livros proféticos consiste em uma coletânea de sermões e oráculos proféticos. Por outro lado, Ageu consiste em um conjunto de discursos diretos numa estrutura de narrativa em prosa (1.1, 3, 12, 15; 2.1, 10, 20) de forma que o livro se parece mais com um relato dos discursos de Ageu e o efeito que tiveram em seus ouvintes...”.²⁸

“A profecia de Ageu e a Epístola de Tiago têm muito em comum. Ambas colocam ênfase sobre a labuta diária [cf. 1 Co 15.58]”.²⁹

²³ Verhoef, pág. 17.

²⁴ Ralph L. Smith, *Micah-Malachi*, pág. 149.

²⁵ Kenneth G. Hanna, *From Moses to Malachi*, pág. 524.

²⁶ Frank E. Gaebelain, *Four Minor Prophets*, pág. 199.

²⁷ Alden, pág. 573.

²⁸ Tremper Longman III e Raymond B. Dillard, *An Introduction to the Old Testament*, pág. 480. Cf. Verhoef, pág. 9.

²⁹ J. Vernon McGee, *Thru the Bible with J. Vernon McGee*, 3:881.

Este livro e Oséias são os únicos escritos proféticos inspirados no Antigo Testamento que não contêm um ou mais oráculos contra nações estrangeiras.

UNIDADE E CANONICIDADE

Os críticos jamais contestaram enfaticamente a unidade ou a canonicidade de Ageu.³⁰ Seu lugar no cânon é cronológico, liderando os livros proféticos pós-exílicos, vindo depois dos livros pré-exílicos e exílicos.

O TEXTO

Temos alguns poucos problemas textuais no livro (1.2, 9; 2.2, 5, 7, 9, 14, 16). Além desses, a Septuaginta fez alguns acréscimos ao texto hebraico (2.9, 14).

“Em geral concordamos com muitos estudiosos de que o texto de Ageu encontra-se bem preservado”.³¹

ESBOÇO

- I. Um Chamado à Construção o Templo – cap. 1
 - A. O Primeiro Desafio de Ageu – 1.1-6
 - B. O Segundo Desafio de Ageu – 1.7-11
 - C. A Reação dos Israelitas – 1.12-15
- II. Uma Promessa de Glória Futura para o Templo – 2.1-9
- III. Uma Promessa de Bênção Futura para os Povos – 2.10-19
- IV. Uma Profecia a respeito de Zorobabel – 2.20-23

Certo escritor enxergou uma estrutura quiástica no livro.³²

- A Um par de oráculos pronunciados no mesmo dia que enfatizam as consequências negativas do templo inacabado seguidos de uma convocação dupla para considerarem as palavras do Senhor – 1.1-11
 - B A promessa da presença do Senhor que energizaria a reconstrução do templo – 1.13-15a
 - B’ A promessa da presença do Senhor que garantiria a glória futura – 1.15b-2.9
- A’ Um par de oráculos pronunciados no mesmo dia que enfatizam as consequências positivas do templo concluído, incluindo uma convocação dupla para considerarem as palavras do Senhor – 2.10-23

MENSAGEM

³⁰ Para uma tratativa mais abrangente acerca do assunto, veja Longman e Dillard, págs. 14-17.

³¹ Ibid., pág. 20.

³² Adaptado de Motyer, pág. 968.

Ageu é o primeiro no último grupo de livros proféticos do Antigo Testamento. Juntamente com Zacarias e Malaquias, estes livros revelam a vida na comunidade da restauração. O livro histórico de Esdras lida com o mesmo período e com o mesmo grupo de pessoas. Um remanescente de israelitas havia retornado a Israel após o cativeiro babilônico. Essas pessoas se recordaram de histórias de glórias passadas de sua nação, antes do cativeiro. Mas elas também sentiram muita vergonha, já que retornaram a uma terra controlada por gentios. Por isso, viveram momentos difíceis e desanimadores. A esperança deles era bastante vaga e cheia de incertezas no curto prazo. Isso pouco se assemelhava ao retorno à terra que os antigos profetas haviam profetizado.

Ageu tinha uma preocupação única em relação ao Senhor. Sua paixão era motivar aqueles que haviam retornado a reconstruírem o templo para que pudessem retomar a vida em obediência à Lei Mosaica. Zacarias o ajudou nessa missão. Malaquias viveu cerca de 90 anos mais tarde e proferiu uma advertência final vinda do Senhor ao Seu povo no Antigo Testamento.

Cerca de 18 anos antes de Ageu ministrar, em 538 a.C., aproximadamente 50.000 judeus retornaram do cativeiro sob a liderança de Sesbazar e de Zorobabel. Um ano depois, eles iniciaram a reconstrução do templo. Eles haviam terminado de restaurar a fundação e haviam iniciado os trabalhos na superestrutura quando a oposição do povo nativo da terra, os samaritanos, lhes fez parar a obra.

Durante aproximadamente 17 anos, eles não trabalharam na reconstrução do templo. Então, o Senhor levou Ageu a desafiar o povo a retomar a reconstrução do templo. Ageu proferiu quatro curtas mensagens, em 520 a.C., que fizeram com que o povo voltasse a trabalhar na reconstrução. As pessoas retornaram ao trabalho após ouvirem a primeira mensagem, mas então uma dificuldade surgiu e eles pararam de trabalhar. Foi aí que o profeta proferiu uma segunda mensagem, e o povo voltou a trabalhar. Algum tempo depois, outra dificuldade surgiu e o povo novamente parou de trabalhar. Ageu, então, proferiu duas mensagens no mesmo dia, que moveu os judeus a retomarem e concluírem o projeto.

O motivo de Deus ter preservado este livro para todas as épocas e para toda a humanidade é o seu valor permanente, que é duplo. Em primeiro lugar, o livro de Ageu é uma revelação a respeito dos perigos que normalmente acompanham um período de adversidade. Em segundo lugar, ele revela o dever das pessoas de fé em tempos assim, bem como os recursos de Deus. Em outras palavras, Ageu expõe os perigos que acompanham os momentos de circunstâncias desanimadoras, e a esperança se enfraquece. Ele também nos ajuda a enxergar qual é o dever do povo de Deus em momentos como esses – e como Deus nos ajuda.

Cada uma das quatro mensagens de Ageu lida com um desses perigos. Os quatro perigos são: prioridade equivocada, perspectiva incorreta, expectativa irreal e o temor desnecessário.

O primeiro perigo foi o problema das prioridades equivocadas. As pessoas não achavam ser o momento de continuar com a reconstrução do templo (1.2). Eles pareciam esperar por alguma indicação de Deus de que deveriam retomar a reconstrução, mas estavam ocupados construindo suas próprias casas e se esqueceram das ordens anteriores de Deus para reconstruírem o templo. Estavam *super* motivados quanto a construir casas *para si mesmos*. Enxergavam *suas próprias* necessidades e trataram de atacar *esse problema*.

Mas no que diz respeito a construir uma casa que honrasse a Yahweh, que lhes capacitasse a adorá-Lo como Ele havia ordenado e que exaltasse a Sua reputação na terra, elas ficaram esperando. *Dezessete anos* se passaram. Chegou o momento de concluir a estrutura inacabada do templo, mas eles suspenderam essa tarefa enquanto davam prioridade ao que era mais importante para eles.

O segundo perigo dizia respeito ao problema das perspectivas incorretas. Quando os trabalhadores voltaram a reconstruir, certas pessoas começaram a comparar as estruturas nas quais estavam trabalhando com as do templo anterior que fora destruído pelos babilônios. Os trabalhadores diziam que o templo atual não era nada em comparação ao templo de Salomão (2.3). Algumas pessoas mais velhas, que haviam visto o templo anterior, não conseguiam impedir as lágrimas quando comparavam as duas estruturas. Parecia que todo o trabalho deles não resultaria em algo significativo, então se deixaram desanimar e mais uma vez pararam de trabalhar.

O terceiro perigo dizia respeito ao problema das expectativas irreais. Acharam que, uma vez que estavam trabalhando no projeto de reconstrução do templo, Deus começaria a lhes abençoar grandemente. Elas olhavam para a sua obediência externa como o objeto da bênção de Deus (2.12). Ageu lhes lembrou que, para se obter a bênção do Senhor, uma devoção plena se fazia necessária, e não simplesmente colocar uma pedra em cima de outra.

O quarto perigo dizia respeito aos temores desnecessários. As pessoas olhavam para a força das nações gentílicas ao seu redor, e concluíam que sua pequena comunidade jamais seria relevante. Ageu precisou lembrá-los que Deus julgaria as nações gentílicas no futuro. Elas precisavam olhar além do futuro imediato, e crer nas promessas de Deus acerca da restauração e exaltação final de Israel sobre as nações (2.21-22).

Deus impeliu Ageu a lidar com cada um desses problemas ao relembrar o povo de seu dever e de sua dinâmica. O povo tinha uma responsabilidade de fazer algo diferente em cada caso, e, então, Deus forneceria a graça capacitadora para que o povo tivesse êxito: a dinâmica espiritual.

Em relação ao problema da prioridade equivocada, o dever do povo era voltar à reconstrução do templo (1.8). O povo deveria priorizar o que Deus ordenou que fizessem, em lugar de priorizar o que eles queriam fazer. A dinâmica que Deus forneceria seria a Sua presença capacitadora entre eles. Ele estaria com o povo e os ajudaria (1.13).

Em relação ao problema das perspectivas incorretas, a responsabilidade do povo era ser forte e trabalhar. O povo não deveria comparar o que Deus havia ordenado que eles fizessem com o que Deus havia ordenado que seus ancestrais fizessem. O povo deveria simplesmente se dedicar a cumprir a vontade de Deus para ele. A dinâmica que Deus prometeu fornecer era, novamente, Sua própria presença entre eles (2.4). Deus lhes ajudaria a fazer o que Ele havia chamado o povo a fazer.

Em relação ao problema das expectativas irreais, o dever do povo era aprender de seus sacerdotes, que o relembraria da vontade de Deus a partir da Torá, de que a bênção viria como resultado da obediência genuína. Não se tratava simplesmente de reconstruir o templo. Isso era apenas parte da vontade de Deus para o Seu povo, e certamente não a parte mais importante.

Mais importante do que reconstruir o templo era a necessidade espiritual que tinham de um espírito leal e obediente, que buscassem genuinamente a exaltação do Senhor ao segui-Lo fielmente. A “dinâmica” que Yahweh prometeu para tal obediência sincera era a *bênção* para a vida deles (2.19). Deus os abençoaria a partir do dia em que voltassem o coração para a obediência a Ele. Mas eles não deveriam esperar muitas bênçãos caso sua obediência fosse meramente exterior.

Em quarto lugar, em relação ao problema dos temores desnecessários, o dever do povo era ser paciente. Talvez não vissem uma mudança nas condições no futuro imediato, mas, em algum momento, Deus restauraria o Seu povo, conforme prometeu. A dinâmica que Deus prometeu era Sua própria atuação, eventualmente, para reverter a sorte da nação (2.22-23). Os gentios não controlariam os judeus para sempre. Zorobabel, seu líder de então, era apenas uma visão antecipada de um grande líder provido por Deus para Israel no futuro. Sabemos que a época dos gentios chegará ao fim quando Jesus Cristo voltar para reinar na terra.

Estamos agora em condições de enxergar a mensagem viva deste livro. Ela é: sempre que, como povo de Deus, enfrentarmos problemas que envolvem o cumprimento da vontade dele, devemos fazer a nossa parte, conforme revelada pela Palavra de Deus, na certeza de que, quando assim procedermos, o próprio Deus nos fornecerá o que for necessário para termos êxito.

Via de regra nos equivocamos quanto às nossas prioridades. Esperamos o direcionamento de Deus quando Ele já nos disse o que quer que façamos. Enquanto esperamos, podemos acabar nos envolvendo em questões que demandam nossa energia e nossos recursos, e que são voltadas para nós mesmos. O que deveríamos fazer é ler a Palavra, aprendendo o que Ele quer que façamos, e então colocarmos as prioridades em ordem. Precisamos fazer da pauta do Senhor a nossa pauta. Quando assim fizermos, Ele estará conosco e fornecerá tudo o que precisamos para realizar a Sua vontade com sucesso (cf. Mt 6.33).

“O nosso dever é cuidar das coisas do Senhor; o dever gracioso de Deus é cuidar de nós em todas as questões”.³³

Também é comum perdermos a perspectiva adequada do que Deus nos chamou para fazer. É possível que olhemos para a nossa parte na empreitada do cumprimento da Grande Comissão, e pensemos a nosso respeito: “Quão insignificante isso é. Se eu vivesse na época em que Deus estava agindo – quando Hudson Taylor, ou algum outro servo do Senhor grandemente usado vivia – quem sabe, então, eu poderia mudar o mundo. Melhor ainda seria se eu vivesse na época dos apóstolos”. É fácil para muitos cristãos se deixarem distrair a tal ponto, ao contemplar as grandes coisas que outros cristãos fizeram no passado, que concluem que sua pequena contribuição é tão insignificante que não vale o tempo nem o esforço.

Se essa é a *nossa* atitude, precisamos nos lembrar de que o mesmo Deus que capacitou os santos do passado a terem êxito, prometeu estar conosco e nos capacita ao êxito em nosso chamado. É possível que vivamos mesmo em dias de apostasia e não em dias gloriosos, quando Cristo era mais honrado no mundo. Contudo, nossa tarefa na vontade de Deus é tão importante agora quanto a tarefa de outros

³³ A. Gaebelein, 2:3:254.

cristãos nos dias passados. Precisamos direcionar nossa atenção para aquilo que Deus nos ordenou a fazer, e não ao que outros fizeram. Precisamos nos concentrar no serviço fiel ao Senhor.

Nós também lutamos com expectativas irreais, tal como aconteceu com a comunidade pós-exílica. Por que a nossa igreja não está crescendo mais rápido? Por que não vemos mais frutos em nosso ministério? Por que não vemos mais poder espiritual presente em nossa vida? Basicamente, todas essas bênçãos vêm a partir da vontade de um Deus soberano que escolhe abençoar quem e como Ele quer. Temos a tendência de subestimar a importância da santidade pessoal e enfatizar a atividade, como fizeram os que retornaram do exílio.

Quem sabe Deus não esteja nos abençoando mais porque nosso compromisso é superficial e raso. Se esperamos a bênção dele simplesmente porque estamos realizando Sua obra, precisamos examinar nossa vida mais meticulosamente, à luz da Palavra de Deus. Deus nos abençoará se O servirmos de todo coração. É possível que não vejamos tais bênçãos nesta vida, mas já que Ele prometeu abençoar quem O segue com sinceridade, podemos estar certos de que essas bênçãos virão.

Por fim, *nós*, na Era da Igreja, também lutamos com temores desnecessários de vez em quando. O inimigo nos parece forte demais. Nós parecemos e nos sentimos fracos. É possível que as circunstâncias há muito não mudam. Mas o nosso dever é sermos pacientes, lembrar e crer nas promessas de que o Senhor voltará e equilibrará a balança da justiça no futuro (cf. 2 Pe 3.8-13). Jesus Cristo estabelecerá Seu reino na terra. Nosso dever, no momento, é ter mente focada e trabalhar.³⁴

³⁴ Adaptado de G. Campbell Morgan, *Living Messages of the Books of the Bible*, 1:2:303-315.

Exposição

I. UM CHAMADO À CONSTRUÇÃO DO TEMPLO – Cap. 1

A primeira parte principal do livro contém dois oráculos que advertiram os que voltaram do cativeiro a respeito das consequências de se permitir que o templo permanecesse inacabado, duas exortações à ação e uma promessa de ajuda do Senhor.

A. O PRIMEIRO DESAFIO DE AGEU – 1.1-6

1.1 Assim como Ezequiel, Jonas e Zacarias, Ageu não possui um título formal. Yahweh enviou uma mensagem a Zorobabel (“nascido na Babilônia” ou “semente da Babilônia”, uma alusão ao seu local de nascimento) e Josué (“Yahweh salva”) por meio “do profeta Ageu”, embora tenha sido endereçada também para os israelitas (vv. 2, 4).

“Zorobabel” era o “governador” político (superintendente) da província persa “de Judá” que havia liderado os israelitas que retornaram à sua terra (Ed 2.2; et al). Ele era “filho de Sealtiel” (“pedi ao Senhor”, Ed 3.2, 8; 5.2; Nm 12.1; et al) e neto do rei Jeoaquim (Jeconias), um dos descendentes do rei Davi (cf. 1 Cr 3.17-19; Mt 1.12).

Aparentemente, Zorobabel tinha dois pais (1 Cr 3.17-19). É provável que seu outro pai, Pedaías, fosse, na realidade, seu tio.³⁵ Se esse fosse um casamento de levirato (cf. Dt 25.5-10), Pedaías teria se casado com uma mulher e então falecido. Sealtiel, irmão de Pedaías, teria, então, se casado com a viúva, que deu à luz Zorobabel com Sealtiel, o potencial pai biológico de Zorobabel.³⁶ Outra possibilidade é que Sealtiel adotou Zorobabel após a morte de Pedaías.³⁷ Uma terceira opção é de que um desses homens era, na realidade, um ancestral mais distante de Zorobabel, quem sabe seu avô.³⁸

“Josué” era “o sumo sacerdote” da comunidade que voltou do exílio e descendente de Arão. Ele era “filho de Jozadaque”, que havia sido levado cativo para a Babilônia em 586 a.C. (1 Cr 6.15; cf. Ed 3.2, 8; 12.1, 8). Aparentemente, era neto de Seraías, sumo sacerdote quando Nabucodonosor destruiu Jerusalém, a quem Nabucodonosor executou em Ribla (2 Rs 25.18-21; Jr 52.24-27).³⁹

O Senhor deu tal mensagem a Ageu “no sexto mês, no primeiro dia”, “no segundo ano” do rei Dario I (Histaspes; 521-486 a.C.) que governou como rei da Pérsia. Era o primeiro dia do mês Elul (29 de agosto), 520 a.C.⁴⁰ Quando os israelitas retornaram do exílio na Babilônia, eles continuaram a seguir o calendário babilônico e iniciaram seus anos na primavera, em lugar de iniciá-los no outono (cf. Ex 23.16; 34.22).

³⁵ Robert Jamieson, A. R. Fausset, e David Brown, *Commentary Practical and Explanatory on the Whole Bible*, pág. 840.

³⁶ Keil, 2:175-176.

³⁷ Pusey, 2:300.

³⁸ Para uma discussão mais profunda a respeito do assunto, veja Meyers e Meyers, págs. 10-11.

³⁹ Keil, 2:177. Para um gráfico dos governadores, dos descendentes reais davídicos e dos sumo-sacerdotes durante o período persa (538-433 a.C.), veja Meyers e Meyers, pág. 14.

⁴⁰ Parker e Dubberstein, pág. 30, estabeleceram as datas do equivalente moderno (Juliano).

Cada mês começava com a lua nova, e os israelitas comumente celebravam a ocasião com a festa da Lua Nova (cf. Nm 28.11-15; Is 1.14; Os 2.11). Esta primeira revelação profética que Deus fez na Terra Prometida, logo após o retorno do exílio, teve lugar num dia em que a maioria dos israelitas estaria em Jerusalém.

“No livro de Ageu, a fórmula de revelação, em suas variadas formas, ocorre não menos do que vinte e sete vezes”.⁴¹

O significado do nome de Ageu (festivo) foi adequado já que o Senhor Deus fez Sua primeira revelação profética através dele. O fato de o autor mencionar Ageu na terceira pessoa não elimina a possibilidade de que o próprio Ageu tenha sido o escritor, já que este era um recurso literário comum na antiguidade.⁴²

Nos livros históricos do Antigo Testamento, os escritores datavam os eventos invariavelmente fazendo referência a um rei de Judá ou Israel, mas os judeus não possuíam rei naquele momento. Eles estavam sob o controle de um governador gentílico, no “tempo dos gentios” (Lc 21.24; cf. Dn 2; Zc 1.1). O “tempo dos gentios” é o período durante o qual Israel viveu sob controle gentílico. Esse período se iniciou quando Judá perdeu sua soberania para Nabucodonosor, em 586 a.C., e continuará até a Segunda Vinda do Messias, quando Ele restaurará a soberania à Israel convertida.

1.2

Ageu declarou que sua mensagem veio de Yahweh dos exércitos, o Yahweh Todo-Poderoso. Esse título aparece 14 vezes em Ageu, 53 vezes em Zacarias, 24 vezes em Malaquias e 265 vezes na Bíblia hebraica. “Yahweh” aparece 34 vezes nos 38 versículos de Ageu.

“O imperador persa tinha, naquela época, uma influência soberana sobre seu vasto império, incluindo a província menor de Jerusalém-Judá. A palavra do imperador era lei, até mesmo para a comunidade judaica. Entretanto, agora outra palavra tinha relevância para eles, a palavra do Senhor Todo-Poderoso, sendo Ele o maior e mais absoluto Potentado em todo o universo, incluindo o império persa!”⁴³

O Senhor comunicou a Zorobabel e a Josué que os israelitas estavam dizendo que aquele não era “o tempo” de se reconstruir o templo. Ao referir-se a eles como “este povo” em lugar de “meu povo”, o Senhor estava se distanciando deles. A construção do templo havia sido iniciada há 16 anos, mas havia parado por causa da oposição sofrida pelos vizinhos dos israelitas que eram, em sua maioria, samaritanos (Ed 3.8-13; 4.1-5, 24). Quando os judeus consideraram a possibilidade de concluir a reconstrução, a maioria

⁴¹ Verhoef, pág. 34.

⁴² Taylor, pág. 52.

⁴³ Verhoef, págs. 52-53.

deles disse que ainda não era o momento adequado para isso. Compare isso com o grande desejo de Davi de construir uma casa para o Senhor (2 Sm 7.2).

“Deus fez quase todas as coisas que fez pelo homem por meio das mãos dos homens”.⁴⁴

A decisão deles pode ter sido motivada pela contínua ameaça dos vizinhos. Ou, quem sabe, eles tenham achado que concluir o templo violaria a predição que Jeremias fizera de 70 anos de cativeiro (Jr. 25.11-12; 29.10). Outra possibilidade é acharem que o próprio Deus iria concluí-lo (Ez 40-48).⁴⁵ Além disso, o rei persa ainda não havia ordenado a conclusão da obra.⁴⁶

“Recusarem-se a construir a casa [do Senhor] era, na melhor das hipóteses, afirmar que a presença de Deus não tinha importância para eles. Na pior das hipóteses, significaria pressupor que, na graça divina, o Senhor viveria com Seu povo embora tal povo se recusasse deliberadamente a cumprir as condições que o próprio Deus havia estipulado para a Sua habitação com eles”.⁴⁷

“A necessidade de reconstrução é urgente, pois templos naquele mundo eram o centro da administração da vida política, econômica, jurídica, social e religiosa da nação. Em outras palavras, reconstruir o templo do *EU SOU* simbolizaria Seu reinado sobre a vida do Seu povo e Seu governo profetizado sobre o mundo (cf. Zc 1.14-17)”.⁴⁸

Hoje em dia muitos cristãos não fazem a vontade de Deus pois acham que o momento não é o mais adequado.

“Com demasiada frequência, inventamos desculpas quando deveríamos estar fazendo confissão e obedecendo ao Senhor. Dizemos: ‘Não é hora de uma campanha evangelística’, ‘Não é hora de o Espírito trazer reavivamento’, ‘Não é hora de expandir o ministério’. Agimos como se entendêssemos os ‘tempos ou épocas’ que Deus ordenou a Seu povo, mas na verdade não os compreendemos (At 1.6-7)”.⁴⁹

“Dizer ser vontade do Senhor fazer isto ou não fazer aquilo é um

⁴⁴ Pusey, 2:299.

⁴⁵ Veja R. G. Hamerton-Kelly, “The Temple and the Origins of Jewish Apocalyptic”, *Vetus Testamentum* 20 (1976):12.

⁴⁶ Verhoef, pág. 55.

⁴⁷ Motyer, pág. 974.

⁴⁸ Bruce K. Waltke, *An Old Testament Theology*, pág. 846.

⁴⁹ Warren W. Wiersbe, “Haggai”, em *The Bible Exposition Commentary/Prophets*, pág. 441.

chavão cristão que cobre uma multidão de pecados”.⁵⁰

“A primeira das mensagens do profeta dirige sua atenção para um problema sempre presente da vida espiritual – a tendência universal humana de deixar de fazer o que Deus requer [i.e., procrastinação]”.⁵¹

1.3-4 Ageu, então, se dirigiu ao povo em nome do Senhor nesta defesa, não apenas aos líderes (v. 2). Ele perguntou retoricamente se era correto eles construírem casas, mas não reconstruírem a casa de Deus. Eles deveriam colocar a glória do Deus que diziam cultuar à frente de seu conforto pessoal (cf. 2 Sm 7.2; Fp 2.21). As prioridades deles estavam equivocadas.

“O problema deles não era a falta de bens; era falta do bem”.⁵²

“Casas apaineladas” descreve, aparentemente, casas bastante luxuosas, embora o termo hebraico *sapan* (“revestidas”) pode significar simplesmente casas com telhados. Revestimento de madeira ou gesso que cobria os muros e possivelmente o telhado parece ser o que é tratado pelo versículo.

“Assim eram as casas dos homens ricos e mais notáveis (cf. Jer. xxii. 14; 1 Reis vii.7)”.⁵³

“O contraste neste versículo (*contra* Ackroyd 1968:155) acontece entre a casa inacabada de Yahweh e, portanto, sem utilidade, e as casas completas e funcionais dos Judeus, muito mais do que um contraste entre as casas ornamentadas ou elaboradas do povo e um templo em ruínas”.⁵⁴

O rei Ciro havia fornecido recursos aos judeus para comprar madeira de cedro para a reconstrução do templo (Ed 3.7; 1 Ed 4.48; 5.54). Parece que os judeus que retornaram do exílio usaram essa madeira de maior qualidade para construir suas próprias casas em lugar de usá-las para reconstruir o templo.

“Muitos cristãos agem como os hebreus antigos, de alguma forma se deixando convencer de que a economia na construção do edifício da igreja [ou mesmo no financiamento da obra de Deus] é extremamente importante enquanto, ao mesmo tempo, não poupam recursos na obtenção de luxos pessoais”.⁵⁵

⁵⁰ McGee, 3:884.

⁵¹ F. Gaebelin, pág. 209.

⁵² Motyer, pág. 977.

⁵³ Keil, 2:178.

⁵⁴ Meyers e Meyers, pág. 23.

⁵⁵ Alden, pág. 581.

“Apesar de, hoje em dia, a casa de Deus não ser mais algo material, mas sim espiritual, o material ainda é um símbolo muito real do espiritual. Quando a Igreja de Deus em qualquer lugar é desleixada com o ambiente físico de reunião, com seu lugar de adoração e seu trabalho, trata-se de um sinal, de uma evidência de declínio da vida dessa igreja”.⁵⁶

1.5-6 O Senhor chamou “o povo” para avaliar o que estavam fazendo à luz da situação atual deles (cf. v. 7; 2.15, 18 [duas vezes]).⁵⁷ Eles não estavam experimentando muitas bênçãos de Deus. Plantaram muito, mas colheram pouca coisa (cf. vv. 10-11; 2.15-17, 19). O alimento e a bebida supriam apenas suas necessidades mínimas. Possuíam tão pouca fibra para tecer roupas que suas vestes eram finas demais e não os aqueciam. Seus saquitéis pareciam estar “furados” no sentido de que o dinheiro que ali depositavam desaparecia antes que pudessem pagar todas as suas contas.

“...a pobreza que eles acharam estar evitando ao não construir o templo, Deus trouxe a eles justamente por não construí-lo”.⁵⁸

Essa passagem pode ser a primeira referência ao dinheiro *cunhado* na Bíblia. Ela é a primeira referência a um saquitel usado para carregar dinheiro. Os lídios na Ásia Menor foram os primeiros a cunhar dinheiro, no século sexto a.C., e há evidência arqueológica de que havia moedas na Palestina à época da escrita de Ageu.⁵⁹ Tratava-se de castigo divino por causa da desobediência deles (cf. Lv 26.18-20; Dt 28.41). Eles deveriam ter colocado Deus em primeiro lugar.

“A teologia de Ageu estava fundamentada nas bênçãos e maldições da teologia da aliança (cf. Lv 26; Dt 28). De maneira específica, colheitas ruins (Dt 28.38), alimento insuficiente (Dt 8.10) e vestes inadequadas (Dt 10.18) eram resultantes da falha em obedecer a aliança”.⁶⁰

“Uma geração afluyente de cristãos que desperdiça as dádivas generosas de Deus em coisas triviais e em brinquedos terá muito a dar contas quando o Senhor voltar”.⁶¹

A procrastinação não é apenas um ladrão de tempo, mas também um ladrão de

⁵⁶ G. Campbell Morgan, *The Westminster Pulpit*, 8:315.

⁵⁷ Para aplicações úteis para os dias de hoje, veja H. A. Ironside, *Notes on the Minor Prophets*, págs. 329-331.

⁵⁸ Matthew Henry, *Commentary on the Whole Bible*, pág. 1171.

⁵⁹ Veja Ephraim Stern, *Material Culture of the Land of the Bible in the Persian World 538-332 B.C.*, págs. 215, 236; e Idem., *Archeology of the Land of the Bible. Vol. II: The Assyrian, Babylonian, and Persian Periods, 732-332 BCE*, págs. 558-559.

⁶⁰ Smith, pág. 153.

⁶¹ Wiersbe, pág. 445.

bênçãos.⁶²

B. O SEGUNDO DESAFIO DE AGEU – 1.7-11

1.7-8 Mais uma vez, o Senhor convocou o povo a refletir cuidadosamente acerca do que estava fazendo (cf. v. 5). O povo era culpado de conflito de interesses. Deus ordenou ao povo – “subi ao monte” – no qual a abundância de árvores era grande, para cortá-las (“trazei madeiras”), e continuar com a “[edificação] da casa” (cf. Ed 3.7). O templo concluído agradaria e glorificaria a Deus.

“O importante não é o tamanho ou a grandeza da casa, mas a *existência* dela – o que implicaria no desejo deles de ter Deus habitando entre eles”.⁶³

“As montanhas de Judá tinham uma vegetação arbórea abundante nos tempos do Antigo Testamento, e de Ne 8.15 nós sabemos que havia oliveiras, palmeiras e outras árvores. Era costume colocar camadas de madeira nos muros de pedra, para diminuir os prejuízos dos terremotos (cf. Ed 5.8); tal madeira, principalmente as toras maiores, que se estendiam de um a outro lado do templo para sustentar o teto, provavelmente precisava ser importada (Ed 3.7)”.⁶⁴

“Nas ruínas do templo e em suas proximidades havia muitas pedras para o processo de construção. Já que toda madeira do templo foi queimada em 587 a.C., era necessário apenas obter grandes quantidades de madeira das florestas nos montes próximos ao redor de Jerusalém...”⁶⁵

Carol Meyers e Eric Meyers acreditavam que provavelmente a mais usada era o sicômoro.

“A obra de Deus deve vir *primeiro*; ela *precisa* vir antes que a nossa própria obra”.⁶⁶

“Quando a obra é feita com alegria para agradar a Deus, ela também traz glória a Ele”.⁶⁷

“Falando com absoluta franqueza, a preguiça é o motivo pelo qual

⁶² F. Gaebelein, pág. 212.

⁶³ Motyer, pág. 977.

⁶⁴ Baldwin, pág. 41.

⁶⁵ Verhoef, págs. 65-66.

⁶⁶ Meyers e Meyers, pág. 27.

⁶⁷ F. Gaebelein, pág. 214.

professores de Escola Bíblica Dominical fracassam. A preguiça é o motivo pelo qual os pregadores fracassam. A preguiça é o motivo pelo qual as pessoas fracassam em sua vida cristã. Tudo isso exige *trabalho* da nossa parte. Não creio que o Espírito Santo algum dia abençoará a preguiça”.⁶⁸

“Nas palavras de um missionário ilustre: é possível ter uma alma salva e uma vida perdida. Ele quis dizer que, embora a salvação eterna esteja garantida por meio da fé na obra expiatória de Cristo, uma vida inteira de oportunidade para o serviço frutífero ao Senhor pode ser perdida por causa de indolência e negligência”.⁶⁹

J. Vernon McGee citou o Dr. Frank Morgan, que destacou três apelos nessa passagem: o apelo à *mente* (Como vocês acham não ser o momento de reconstruir a casa do Senhor enquanto vocês vivem em casas magníficas?), o apelo ao *coração* (“Considerai o vosso passado”) e o apelo à *vontade* (“Subi ao monte... e edificai a casa”).⁷⁰ Alguns estudiosos de Ageu consideram os versículos 7 e 8 como os versículos-chave do livro.⁷¹

1.9 Os israelitas esperavam “o muito”, em relação às bênçãos do Senhor, mas receberam “pouco”. Quando traziam os grãos para casa, o Senhor os dispersava. Aparentemente, os grãos eram tão leves e pequenos que grande parte deles voava com a palha quando estes eram separados. O motivo era óbvio. Eles negligenciaram o templo e concentraram todos os seus esforços na provisão de recursos próprios e na construção das próprias casas.

A expressão “declara o SENHOR dos exércitos” aparece seis vezes no livro de Ageu (1.9; 2.4, 8, 9, 23 [duas vezes]) e “diz o SENHOR” aparece seis vezes (1.13; 2.4 [duas vezes], 14, 17, 23). Isso é incomum para um livro tão pequeno quanto Ageu. Obviamente, o escritor quis enfatizar a origem divina de sua mensagem para o povo.⁷²

1.10-11 O tempo quente e as colheitas inexpressivas experimentadas pelos que voltaram do exílio aconteceram por causa do comportamento egoísta que tiveram (cf. Lv 26.19-20; Dt 28.22-24). O “orvalho” era a única forma de umidade que a vegetação desfrutava durante os meses quentes do verão, além da irrigação artificial, mas até isso não estava disponível. O Senhor havia determinado a seca que afetou todos os seus produtos essenciais e todos os aspectos da vida deles (“todo trabalho das mãos”; cf. Dt 28.38).

“A inclusão de animais em contextos como esse juntamente com seres humanos é algo característico do AT. O amor e a justiça do Senhor são

⁶⁸ McGee, 3:888.

⁶⁹ F. Gaebelin, pág. 216.

⁷⁰ McGee, 3:888.

⁷¹ P. ex.: Hanna, pág. 524.

⁷² Baldwin, págs. 44-45, escreveu uma observação extensa acerca do nome “o Senhor dos Exércitos”.

manifestados na preservação tanto do ‘homem’ [*adam*] quanto dos animais [*behema*]’ (Sl 36.7 [v. 6 no português]).⁷³

“A pessoa que planta para dar a Deus ‘depois que tiver o suficiente para si’ jamais terá o suficiente para ela mesma!”⁷⁴

C. A REAÇÃO DOS ISRAELITAS – 1.12-15

1.12 A pregação do profeta tocou “Zorobabel”, “Josué” e “todo o resto do povo” (os israelitas) que havia retornado do cativeiro para obedecer ao Senhor. Isto demonstrou temor a Deus.

“Ageu se referiu ao povo como o **remanescente** (aqui e também nos vv. 14; 2.2), não meramente porque eram sobreviventes do exílio babilônico, mas também porque estavam se tornando o que o remanescente do povo de Deus deveria sempre ser – seres obedientes dentro do relacionamento de aliança com o Senhor (cf. Is 10.21)”.⁷⁵

Este termo provavelmente se referia à toda população da Judéia, que consistia tanto dos que haviam retornado da Babilônia quanto daqueles que haviam permanecido na Terra Prometida (cf. Jr 8.3; Ez 5.10; 9.18; 11.13).⁷⁶

“Esse foi o início de uma conversão. Nesse processo eles começaram a fazer aquilo que, em toda a sua história, e na maioria da sua decadência pré-cativeiro, eles se recusaram a fazer – obedecer a palavra de Deus”.⁷⁷

“Em tempos de prosperidade, pode ser mais fácil ignorar uma repreensão profética; mas os momentos de dificuldades normalmente expõem o nervo da vida espiritual que ficou insensível ao Espírito de Deus. Via de regra, é em meio à extrema dificuldade humana que a Palavra de Deus encontra maior êxito”.⁷⁸

“Deus sussurra em meio a nossos prazeres, fala à nossa consciência, mas fala em alto e bom som em meio às nossas dores. O sofrimento é o megafone de Deus para despertar um mundo surdo”.⁷⁹

⁷³ Verhoef, pág. 77.

⁷⁴ Dyer, pág. 816.

⁷⁵ F. Duane Lindsey, “Haggai”, em *The Bible Knowledge Commentary; Old Testament*, pág. 1540.

⁷⁶ Veja Taylor, pág. 139.

⁷⁷ Pusey, 2:305.

⁷⁸ Taylor, pág. 137.

⁷⁹ C. S. Lewis, *The Problem of Pain*, pág. 81.

- 1.13 A reação de obediência do povo resultou no Senhor enviar outra mensagem a Ageu, Seu mensageiro. Ele afirmou que Yahweh estava “com” eles (cf. 2.4). Essa garantia da capacitação divina por Ele provida assegurou o sucesso deles à medida que continuavam a obedecê-Lo reconstruindo o templo. A presença de Deus, mais do que qualquer outra coisa, é o que garante nosso sucesso à medida que cumprimos Sua vontade (cf. Js 1.1-9; Mt 28.19-20). Nossa obediência amorosa resulta na aproximação do Senhor, mas nossa desobediência faz com que Ele retire de nós a Sua presença.

“A promessa ao povo de Judá era que o nome dAquele que viria seria Emanuel, que significa ‘Deus está conosco’ (veja Is 7.14)”.⁸⁰

- 1.14-15 “O Senhor despertou” os dois líderes e o povo para concluírem o trabalho no templo (cf. 2 Cr 36.22-23; Ed 1.5). O trabalho foi reiniciado “ao vigésimo quarto dia” daquele mesmo mês. Quem sabe tenha levado três semanas para que o povo tomasse sua decisão e fizesse os preparativos necessários, incluindo a extração (cortar e preparar) da madeira (cf. v. 8). Era também época da colheita de figos, uvas e romãs no mês de Elul, o que também pode tê-los atrasado.⁸¹

“Deus não é apresentado aqui como um manipulador de fantoches que controla e manipula as pessoas, mas como um rei soberano que recompensa a obediência com uma injeção de ânimo”.⁸²

“Essa promessa foi cumprida por Jeová, primeiramente dando a Zorobabel, Josué e ao povo a disposição para executar a obra”.⁸³

II. UMA PROMESSA DE GLÓRIA FUTURA PARA O TEMPLO – 2.1-9

- 2.1 Praticamente um mês depois, “ao vigésimo primeiro” dia do “sétimo mês” (Tishri, atual 17 de outubro), o Senhor revelou outra mensagem, um oráculo de encorajamento a Ageu, no mesmo ano de 520 a.C. Era o último dia da festa dos Tabernáculos (Tendas). Tishri era um mês de celebração para os israelitas. No primeiro dia desse mês era celebrada a festa das Trombetas, e no décimo, o dia da Expição. A festa dos Tabernáculos durava sete dias, e o dia seguinte era dia de descanso (Lv 23.33-44).

“O encerramento dessa festa só poderia reativar a tristeza do povo pelas glórias de seu primeiro livramento pela *mão poderosa e braço estendido* de Deus, fazendo-os enxergar a sua atual escassez e pobreza. Essa depressão traria apenas pensamentos pesados acerca da obra, na qual estavam, por obediência a Deus, engajados...”⁸⁴

⁸⁰ *The Nelson Study Bible*, pág. 1533.

⁸¹ Verhoef, pág. 88.

⁸² Robert B. Chisholm Jr., *The Handbook on the Prophets*, pág. 452.

⁸³ Keil, 2:184.

⁸⁴ Pusey, 2:307.

Há um outro motivo pelo qual essa data era importante. Cerca de mais de 400 anos antes, Salomão havia dedicado o templo durante essa festa (1 Rs 8.2). As pessoas se sentiram desanimadas ao compararem seu templo presente com o de Salomão (v. 3).

- 2.2 Os ouvintes de Ageu foram os mesmos que receberam a primeira mensagem: Zorobabel, Josué, e toda população da Judeia.
- 2.3 O Senhor perguntou se os membros mais antigos dessa comunidade que retornara do exílio, que haviam visto o templo de Salomão, que foi destruído havia 66 anos, não achavam que o templo atual era incomparavelmente inferior (cf. Zc 4.10). As três perguntas feitas pelo Senhor forçaram o povo a admitir que o templo atual não era tão glorioso quanto o anterior.

“Por vezes as gerações mais velhas são culpadas de trazer desânimo ao trabalho da geração presente ao **lamentar** [i.e., glorificando] muito as realizações e feitos dos tempos passados”.⁸⁵

Os membros mais antigos da comunidade que retornou do exílio já haviam feito uma comparação negativa parecida quando os fundamentos do templo foram lançados, 16 anos antes, em 536 a.C. (cf. Ed 3.8-13). A dedicação do templo de Salomão aconteceu 440 anos antes, na festa dos Tabernáculos (1 Rs 8.2; 2 Cr 7.8-10), quem sabe por isso o Senhor tenha transmitido esta mensagem a Ageu nesta data.

“Para o judeu devoto, o segundo templo deve, ‘em comparação com’ ‘a casa em sua primeira glória’, ter de fato parecido ‘insignificante’. Quanto ao esplendor arquitetônico, o segundo, ao ser restaurado por Herodes, ultrapassou em muito o primeiro”.⁸⁶

Entretanto, a “primeira glória” do templo de Salomão era provavelmente mais do que simplesmente a grandeza externa. Aquele templo simbolizava a independência política e a identidade nacional de Israel, bem como a soberania do Deus de Israel, coisas que agora ou estavam perdidas ou humilhadas. Além disso, quando os israelitas mais velhos viram o templo de Salomão (apenas o seu exterior), antes de sua destruição, boa parte da sua “glória” externa havia sido removida.⁸⁷

“Embora o templo de Zorobabel tenha sido nivelado até os alicerces originais por Herodes, quando este o reformou, seu templo ainda era considerado o segundo templo”.⁸⁸

“O Talmude chama atenção especificamente para isso, e menciona

⁸⁵ Henry, pág. 1172.

⁸⁶ Alfred Edersheim, *The Temple*, pág. 61.

⁸⁷ Veja Meyers e Meyers, pág. 72.

⁸⁸ Charles Lee Feinberg, *Habakkuk, Zephaniah, Haggai, and Malachi*, pág. 90.

como outro ponto de preeminência o fato de que o primeiro templo durou 410 anos e o segundo 420”.⁸⁹

- 2.4 Aqui, o Senhor encoraja novamente a Zorobabel, a Josué e ao povo: “trabalhai”. Ele também prometeu novamente estar “com” eles (cf. 1.13). Davi havia dado a mesma ordem e promessa a Salomão com relação ao primeiro templo (1 Cr 28.10, 20). Comparações podem ser desanimadoras quando fazemos o trabalho do Senhor, portanto, as pessoas envolvidas precisam ser lembradas de que o Senhor está com elas (cf. 28.20; Mc 6.50).

“A chave para derrubar o abatimento encontra-se aqui: pare de ouvir a si mesmo e comece a ouvir a Deus e às Suas promessas”.⁹⁰

“Não faz muita diferença se o trabalho é grande ou pequeno. Precisamos nos lembrar: ‘sê forte’”.⁹¹

- 2.5 O Senhor reiterou “[a] aliança” que havia feito com os israelitas quando saíram do “Egito” no Êxodo. Seu “Espírito” estaria no “meio” deles, por isso “não” precisavam “temer” (cf. Ex 19.4-6; 33.14; Is 63.11-14). Os que retornaram do exílio eram capazes de se identificar com seus antepassados que saíram do Egito, pois tinham acabado de sair de outro cativeiro, o babilônico. Assim como Deus estivera com eles na forma de uma coluna de nuvem, estava com eles agora. Assim como Davi havia encorajado Salomão a construir o primeiro templo com a promessa de que Deus estaria com ele (1 Cr 28.20), assim Ageu encorajou a Zorobabel e a Josué a construírem o segundo templo com a mesma promessa.

“Deve ter havido aqueles que eram teologicamente imaturos e que duvidaram que Deus pudesse estar com eles já que o templo e a arca não permaneceram intactos.

Sem sombra de dúvida, o medo tomou conta de muitos dos que retornaram do exílio – medo de que Deus houvesse pronunciado um eterno ‘Icabode’ sobre Jerusalém, medo de que nem as muitas orações ou a piedade levariam Deus a abençoá-los novamente, medo de que todo trabalho deles fosse em vão, medo de que os inimigos políticos lhes derrotariam, medo de que tudo estivesse perdido”.⁹²

- 2.6 A base para a confiança deles e a ausência de medo foi uma promessa feita pelo Yahweh Todo-Poderoso. Ele faria novamente no futuro aquilo que fez no Êxodo e no Monte Sinai (Ex 19.16, 18; Sl 68.8; 77.16-18). Abalar “o céu, a terra”, incluindo “o mar e a terra seca”,

⁸⁹ Edersheim, nota de rodapé 2.

⁹⁰ Motyer, pág. 987.

⁹¹ McGee, 3:893.

⁹² Alden, pág. 585.

descreve um terremoto literal enorme, que era evidência da intervenção sobrenatural do Senhor (cf. Is 2.12-21; 13.13; Ez 38.20; Am 8.8).⁹³ Isso ocorrerá quando Cristo voltar à terra (Jl 3.16; Mt 24.29-30). Entretanto, 520 a.C. foi um ano no qual o império persa também experimentou muito tumulto.⁹⁴

O escritor de Hebreus citou este versículo em Hebreus 12.26. Ele, então, acrescentou que nós que estamos em Cristo temos um reino inabalável que resistirá ao futuro abalo cósmico (Hb 12.28-29). A profecia de Ageu ainda aguarda cumprimento.

“O escritor do Novo Testamento enxerga na linguagem de Ageu um contraste entre a natureza transitória da antiga economia e a permanência constante da nova economia que foi iniciada pela missão de Jesus”.⁹⁵

2.7 Ao mesmo tempo, o Yahweh Todo-Poderoso “[abalaria] todas as nações”; a volta dele frustrará as estruturas políticas e governamentais do mundo (cf. Dn 2.35, 44; Zc 14.1-4; Mt 21.44). “As nações” trarão suas “riquezas” aos israelitas, assim como os egípcios deram seus tesouros na saída dos hebreus no Êxodo (cf. 3.21-22; 11.2-3; 12.35-36).

Algumas traduções trazem “o desejo de todas as nações”. Este “desejo” pode ser uma referência impessoal à riqueza que todas as nações desejam (cf. Is 60.5; Zc 14.14).⁹⁶

“O pensamento parece ser que a falta de adornos no templo de Zorobabel seria mais do que compensada pelos ricos tesouros que serão trazidos no dia quando o templo milenar for construído”.⁹⁷

Ou isto poderia ser uma referência pessoal. Neste caso poderia se tratar de uma profecia messiânica, motivo pelo qual algumas traduções colocaram em maiúsculo, “Desejo”.⁹⁸ Charles Wesley seguiu essa segunda interpretação quando escreveu o hino de natal “Eis dos Anjos a Harmonia”. No Inglês a letra diz: “Venha, Desejo das nações, venha! Restaure em nós Seu humilde lar”.⁹⁹ O texto hebraico não resolve o problema, que é de ordem interpretativa. Quem sabe o Senhor tenha sido deliberadamente ambíguo e tivesse ambas as ideias em mente: a riqueza das nações e o Messias.¹⁰⁰

⁹³ Cf. Keil, 2:191-192.

⁹⁴ Robinson, pág. 141.

⁹⁵ Taylor, pág. 159.

⁹⁶ Keil, 2:192-194; McGee, 3:896; Verhoef, pág. 104; Robert B. Chisholm Jr., *Interpreting the Minor Prophets*, pág. 223; Idem. “A Theology of the Minor Prophets”, em *A Biblical Theology of the Old Testament*, pág. 421; Idem., *Handbook on...*, págs. 452-453; Taylor, págs. 161-165; Boda, págs. 124-125.

⁹⁷ McGee, 3:896.

⁹⁸ Feinberg, pág. 88. Cf. Gaebelein, 2:3:257.

⁹⁹ Essa frase do original em Inglês não se encontra na tradução do hino para o Português e, conseqüentemente, não traz essa conotação do original.

¹⁰⁰ Herbert Wolf, *Haggai and Malachi*, págs. 34-37.

“Vale a pena lembrarmos... desde os primeiros dias, a maioria dos intérpretes cristãos seguiu a tradição judaica que se refere a esta passagem como o Messias de Israel que está por vir”.¹⁰¹

O Senhor também prometeu “encher” o templo (“esta casa”) “de glória”. Tendo em vista o contexto, o templo em questão deve ser o templo milenar, e não o segundo templo (restaurado). Essa glória pode ser a *riqueza* que as nações trarão a ele (cf. Is 60.7, 13). Ou ela pode ser o esplendor do próprio *templo*.¹⁰² Ou a glória em questão pode ser a *glória da própria presença de Deus* (cf. Ex 40.34-35; 1 Rs 8.10-11; Ez 43.1-12). Simeão referiu-se ao menino Jesus como “glória do teu povo de Israel” (Lc 2.32). Entretanto, a presença de Jesus no templo de Herodes apenas prefigurou a glória divina que estará presente no templo milenar.

“Ao abalar todos os reinos, Ele [Yahweh] pode induzir as nações a apresentarem seus tesouros a Ele como presentes para a glorificação da Sua casa”.¹⁰³

- 2.8 Este versículo parece apoiar a posição de que riqueza impessoal é o que se tem em mente no versículo 7. O Senhor lembrou o povo que Ele controlava toda “a prata” e todo “o ouro” no mundo, de forma que Ele poderá fazer com que as nações tragam essas riquezas ao templo no futuro.

“O cerne da questão pode bem ser que, já que todas as coisas são dele e, portanto, não têm valor para Ele, Sua própria glória é o ponto central”.¹⁰⁴

Esse lembrete deve ter encorajado os contemporâneos de Ageu à medida que reconstruíam o templo. Deus era capaz de trazer mais recursos financeiros a eles de forma que, um dia, poderiam glorificar seu modesto templo atual.

- 2.9 Embora o templo atual fosse menos glorioso do que o de Salomão, o Senhor prometeu que a glória final (“última”) do templo “será maior do que” a do “primeiro”. O Senhor também prometeu trazer “paz” para o local do templo, Jerusalém (cf. Is 60.18; Jl 3.17; Mq 5.4).¹⁰⁵ Nenhuma dessas coisas já aconteceu, de forma que o cumprimento deve ser futuro (milenar).¹⁰⁶ A paz duradoura virá apenas quando o Messias voltar para governar e reinar (cf. Is 2.4; 9.6; Zc 9.9-10). O adorno de Jesus Cristo em relação ao segundo templo - renovado por Herodes, o Grande - com Sua presença, dificilmente parece

¹⁰¹ Charles Lee Feinberg, “Haggai”, em *The Wycliffe Bible Commentary*, pág. 983. Veja também George Adam Smith, *The Book of the Twelve Prophets Commonly Called the Minor*, 2:243.

¹⁰² Ironside, pág. 336.

¹⁰³ Keil, 2:194.

¹⁰⁴ Merrill, pág. 41.

¹⁰⁵ Keil, 2:195.

¹⁰⁶ Chisholm, *Interpreting the...*, pág. 224.

cumprir as promessas exaltadas nesta profecia.¹⁰⁷

O Senhor usou a ocasião da festa dos Tabernáculos para encorajar os construtores do templo nos dias de Ageu. Tal festa recordava o Êxodo, lembrava os israelitas da peregrinação deles no deserto, e antevia o assentamento deles na Terra Prometida. Tal mensagem também contemplou o Êxodo, fez referência à construção do templo atual, e anteviu a glória do templo futuro.

III. UMA PROMESSA DE BÊNÇÃO FUTURA PARA OS POVOS – 2.10-19

2.10 Outra profecia veio do Senhor no “vigésimo quarto” dia do “nono” mês de 520 a.C. (24 de Kislev, 18 de dezembro). Essa data tem uma importância particular pois, nesse dia, cinco anos antes, o templo foi rededicado. Os judeus celebravam esse evento com a Festa de Chanukah (lit. Dedicção), e ainda o fazem. Durante os dois meses entre esta profecia e a anterior (vv. 1-9), Zacarias deu início a seu ministério em Jerusalém (Zc 1.1).

2.11 O Yahweh Todo-Poderoso instruiu Ageu a que pedisse um parecer dos “sacerdotes”. Os sacerdotes eram os intérpretes oficiais da Lei Mosaica, e o que virá a seguir diz respeito a questões de contaminação cerimonial. Eis um sermão didático, concebido para ensinar uma lição importante acerca de impureza religiosa.

2.12 A pergunta era: se alguém carregar (“levar”) comida consagrada na “sua veste” e tocar qualquer outro alimento com sua veste, esse alimento “[ficará]... santificado”? A “carne santa” era separada para um propósito sacrificial específico (cf. Lv 6.25; Nm 6.20). A resposta que os sacerdotes deram foi “não”. A carne carregada nas vestes tornaria as vestes santas, mas a santidade não seria comunicada além das vestes para nenhum objeto (cf. Ex 29.37; Lv 6.27; Ez 44.19; Mt 23.19).

Aparentemente o povo estava pensando que, como *povo escolhido e santo* de Deus, uma vez que estavam trabalhando no templo santo, tudo o que tocassem se tornaria santo. Outra interpretação é que o Senhor procurou desestimular Seu povo a receber ofertas de governantes pagãos para usá-las na construção do templo (cf. Ed 6.8-10).¹⁰⁸

2.13 Uma segunda pergunta foi: se alguém que se tornou “impuro”, por exemplo, por tocar num “corpo morto”, tocassem em alguma “destas coisas”, essa comida “ficaria imunda”? A resposta foi “ficará imunda”. A Lei Mosaica ensinou que a impureza moral era transmissível, mas a pureza moral não (cf. Lv 6.18; 22.4-6; Nm 19.11-16).

Aliás, o mesmo princípio se aplica hoje ao campo da saúde física. Uma pessoa enferma é capaz de transmitir sua doença para alguém saudável e torná-la enferma, mas uma pessoa saudável é incapaz de transmitir sua saúde para um enfermo e torná-lo são. De modo semelhante, a água suja contaminará a água limpa, mas a água limpa não purificará a água suja.

¹⁰⁷ Op Cit, “A Theology...”, pág. 421.

¹⁰⁸ Veja Merrill, págs. 45-46, 49.

“Amigo, mesmo que você *nade* na água santa, ela não lhe tornará santo”.¹⁰⁹

“Tentar tornar-se aceitável a Deus através de cerimônias e toda essa espécie de coisas é o mesmo que derramar 4 litros de Channel No. 5 numa pilha de fertilizante num curral numa tentativa de torná-lo limpo e cheiroso. Meu amigo, isso não irá funcionar”.¹¹⁰

“A longa desobediência da nação tornou seu trabalho inútil diante de Deus”.¹¹¹

- 2.14 Então Ageu fez uma aplicação deste princípio ao povo para o Senhor. Os sacrifícios e ofertas do povo eram inaceitáveis a Deus pois estavam “imundo[s]”. Eles não deviam achar que o contato com algo santo, como o templo no qual estavam trabalhando, os tornavam aceitáveis a Deus. Eles tinham se tornado impuros, de forma que os atuais sacrifícios eram inaceitáveis a Deus.

“O que aconteceu foi que o povo estava confundindo o seu trabalho no templo com a santificação que procede apenas do Senhor”.¹¹²

“Ageu se utiliza de uma regra sacerdotal complexa como um veículo para transmitir sua mensagem de que o trabalho no templo pode estar relacionado às bênçãos do povo”.¹¹³

- 2.15-16 O povo precisava, novamente, considerar algo com atenção (cf. 1.5, 7). Eles precisavam lembrar que antes de iniciar a obediência ao Senhor reconstruindo o templo (1.12) eles haviam desobedecido a Aliança Mosaica (cf. 1.5-11). A punição do Senhor pela infidelidade deles à aliança foi manifesta em colheitas reduzidas. Seus grãos decresceram em 50% e suas uvas em 60%.

- 2.17 O Senhor usou ventos quentes (“queimaduras” [seca excessiva]), “ferrugem” (umidade excessiva) e “saraiva” para ferir o povo e o que eles haviam plantado; mesmo assim eles não se arrependeram (cf. Am 4.9). Os ventos quentes representavam um problema para as plantações por causa do calor seco, e a umidade excessiva gerava outros problemas. Quem sabe essas condições sejam um merismo descrevendo opostos extremos que, juntos, significam todo tipo de problema meteorológico.¹¹⁴ O granizo, uma das pragas do Egito (Ex 9.13-35), causou danos severos nas plantações desprotegidas.

¹⁰⁹ McGee, 3:898.

¹¹⁰ Ibid., 3:899.

¹¹¹ *The New Scofield Reference Bible*, pág. 962.

¹¹² F. Gaebelin, pág. 234.

¹¹³ Meyers e Meyers, pág. 76.

¹¹⁴ Taylor, pág. 185.

2.18-19 As pessoas deveriam observar algo no “dia” em que estas profecias atingissem seus ouvidos, no “vigésimo quarto dia do nono” mês. Eles deveriam notar que, a partir do dia que iniciaram a reconstrução do templo, as dificuldades deles haviam continuado (cf. 1.14-15). Eles ainda sofriam com escassez de coisas como sementes, uvas, oliveiras e artigos especiais como figos e romãs. Entretanto, o Senhor revelou que Ele agora os abençoaria, “desde este dia”, o vigésimo quarto do nono mês.

Este oráculo explicou por que a bênção agrícola não havia iniciado imediatamente depois que o povo terminou a construção do templo. A dedicação e a obediência atual deles não eliminaram a infidelidade antiga à aliança e suas conseqüentes punições. Tal punição precisava acontecer, mas agora, no dia desta profecia, Deus começou a abençoar o povo com melhores colheitas. Essa mensagem certamente deve ter encorajado os judeus a perseverarem em sua obediência.

“Esse é o décimo dia do décimo mês no nono ano do cativeiro de Ezequiel na Babilônia [mencionado em Ezequiel 24.1-2], e também fica claro em 2 Reis 25.1, quando o dia do cerco [de Jerusalém] teve início. Essa é a primeira vez nos livros históricos que um evento é datado ao exato dia de seu acontecimento. Exatamente a mesma data é fornecida em Jeremias 52.4. No preciso momento em que o exército da Babilônia fazia o cerco à capital dos judeus, o fato foi revelado por Deus ao profeta Ezequiel, a centenas de quilômetros de distância da Babilônia onde, àquela altura, ele já estava exilado desde a deportação anterior que Nabucodonosor fez dos judeus cativos, registrada em 2 Reis 24.11-16. Nesse dia, então, que marcou a investida contra Jerusalém, Ezequiel recebe a ordem para escrever de maneira enfática visando observação e preservação – o décimo dia do mês Tebeth, 589 a.C. Esse dia é observado pelos judeus como um jejum anual desde então. Foi nesse dia, o dia dez de Tebeth, 590 a.C., que marcou o início do período dos setenta anos de “desolações”. O fato a ser observado é que a partir dessa data até a data enfatizada por Ageu, a saber, o vigésimo quarto dia do mês de Quisleu, 50 a.C., passaram-se 25.200 dias, que compõe setenta anos de 360 dias exatamente”.¹¹⁵

Deus abençoará Seu povo por sua obediência, mas por vezes Ele não apagará a punição que pecados anteriores tornaram necessária. O pecado sempre resulta em morte (Rm 6.23). Por vezes, a punição precisa ser completa antes que a bênção possa ter início.

IV. UMA PROFECIA A RESPEITO DE ZOROBABEL – 2.20-23

“Os versículos finais de seu livro revelam Ageu como o equivalente literário de um pintor impressionista – ele fornece o tom e o efeito geral sem elaborar os detalhes”.¹¹⁶

2.20 O Senhor deu a Ageu uma “segunda” mensagem no mesmo dia que a primeira (v. 10), no “vigésimo quarto dia” do nono mês (24 de Kislev, 18 de dezembro). Trata-se de um

¹¹⁵ J. Sidlow Baxter, *Explore the Book*, 4:228-229.

¹¹⁶ Motyer, pág. 1.000.

oráculo de salvação.¹¹⁷ Seu propósito era anunciar a intenção do Senhor de levantar um novo líder para o Seu povo.

- 2.21 Ageu deveria dizer a Zorobabel que Yahweh iria “abalar o céu e a terra”. Novamente, temos um juízo divino em mente (cf. v. 6). O fato de “Zorobabel” – não Josué ou o povo – ser o recipiente, sugere que a mensagem diz respeito a uma predição real.
- 2.22 O Senhor anunciou que Ele iria derrubar os governantes (“tronos”) das nações da terra e destruiria a “força” dos reinos gentílicos (cf. Ex 15.5; Dn 2.34-35, 44-45). Derrotaria (“destruirei”) seus exércitos (“carro”, “cavalos” e “cavaleiros”) voltando um exército contra o outro – “[todos] cairão, um pela espada do outro” (cf. Zc 12.2-9; 14.1-5; Ap 16.16-18; 19.11-21).
- 2.23 Ao fazer isso, o Senhor promete fazer de “Zorobabel” Seu “servo”. O título “servo meu”, via de regra, é messiânico no Antigo Testamento (cf. 2 Sm 3.18; 1 Rs 11.34; Is 42.1-9; 49.1-13; 50.4-11; 52.13-53-12; Ez 34.23-24; 37.24-25). Zacarias, contemporâneo de Ageu, usou outro título messiânico para se referir a Zorobabel: “O Renovo” (Zc 3.8; 6.12; cf. Is 11.1; Jr 23.5-6; 33.14-16). Ele faria de Zorobabel como um “anel de selar”, pois Ele o havia escolhido para um propósito especial. Um anel de selar era o que o rei usava para conferir autoridade real e posse pessoal (cf. 1 Rs 21.8; Dn 6.17; Et 8.8).

“Um anel de selar era tão precioso que, para guardá-lo contra roubos ou impedir que fosse indevidamente usado por alguém não autorizado, ele era normalmente preso a uma corrente ao redor do pescoço, ou como um anel na mão direita”.¹¹⁸

“‘Selar’ é, portanto, uma maravilhosa metáfora para o conceito do governo cósmico e supremo de Yahweh em execução na terra através de um ‘servo’ que seria esse anel de selar, designado para executar a vontade divina”.¹¹⁹

Deus havia escolhido Zorobabel – para conferir autoridade real e posse pessoal ao Messias que estava por vir. Deus havia revelado por meio de Jeremias que se Jeoaquim, o avô de Zorobabel, fosse Seu anel de selar, Ele o tiraria e o daria a Nabucodonosor (Jr 22.24-25 – “Tão certo como eu vivo, diz o Senhor, ainda que Jeconias (Jeoaquim), filho de Joaquim, rei de Judá, fosse o anel do selo da minha mão direita, eu dali o arrancaria.²⁵Entregar-te-ei, ó rei, nas mãos dos que procuram tirar-te a vida e nas mãos daqueles a quem temes, a saber, nas mãos de Nabucodonosor, rei da Babilônia, e nas mãos dos caldeus”). Sendo assim, fica claro que esta imagem de um anel de selar enxerga Zorobabel como o descendente de Davi e Jeoaquim através de quem Deus proveria a

¹¹⁷ Veja Claus Westermann, *Prophetic Oracles of Salvation in the Old Testament*.

¹¹⁸ Verhoef, pág. 147.

¹¹⁹ Meyers e Meyers, pág. 69.

vitória prometida nos versículos 21 e 22. Ele fará isso não por meio de Zorobabel pessoalmente, mas por meio de um de seus descendentes, a saber, Jesus Cristo (cf. Mt 1.21).¹²⁰

“Essa imagem vívida do anel de selar testifica a respeito da eleição renovada da linhagem davídica, representada por Zorobabel, a pessoa em quem Deus havia investido a autoridade prometida a Davi e sua dinastia”.¹²¹

A maldição a Jeoaquim de que nenhum de seus filhos se assentaria no trono de Davi ou governaria Judá (Jr 22.30) pode ter sido uma referência a seus descendentes imediatos (i.e., seus filhos). Entretanto, *Jesus Cristo* qualifica-Se como um *rei davídico* pois Ele era o descendente físico de Natã, um dos filhos de Davi, e não filho de Salomão. Jesus era filho adotivo de José, que era um descendente físico de Salomão e Jeoaquim (cf. Mt 1.12-16; Lc 3.23-31).

“Deus reverteu em Zorobabel a sentença imposta a Jeconias por sua impiedade [Jr 22.24]”.¹²²

Aqui Zorobabel representa ou tipifica o Messias (cf. o papel similar de Josué em Zc 6.9-15). Seu nome se torna um codinome (*atbash*) para o Messias prometido.¹²³ A infalibilidade dessa promessa fica clara a partir da repetição tripla de “Yahweh”, duas vezes como “Senhor dos Exércitos”.

“... eventos-chave do passado (a ascensão de Davi ao poder, Sodoma, o êxodo, Gideão) tornaram-se símbolos do porvir, e o mesmo pode ser dito em relação às pessoas-chave. Davi identificou-se tanto com o que o Senhor ainda faria que não apenas todo rei posterior é comparado a ele mas também o Messias é chamado de Davi (Ez 34.23)”.¹²⁴

Outras passagens que falam do Messias como Davi são Jeremias 30.9 e Oseias 3.5.

“Ao chamar Zorobabel de Seu ‘servo’ e ‘escolhido’, Deus deu a ele o mesmo status do qual desfrutou Davi (cf. 2 Sm 3.18; .621; 7.5, 8, 26; 1 Rs 8.16). A comparação com um ‘anel de selar’ indica uma posição de autoridade e reverte o juízo proferido contra o avô de Zorobabel, Jeoaquim (cf. Jr 22.24-30).

¹²⁰ Veja Keil, 2:213-15; Boda, págs. 164-165.

¹²¹ Verhoef, pág. 147.

¹²² Pusey, 2:320. Cf. Chisholm, *Handbook on...*, pág. 455; Kaiser, pág. 252.

¹²³ Veja Herbert Wolf, “The Desire of All Nations in Haggai 2:7: Messianic or Not?”, *Journal of the Evangelical Theological Society* 19 (1976):101-102.

¹²⁴ Motyer, pág. 1002.

As palavras de Ageu 2.21-23, embora proferidas diretamente para Zorobabel, não se cumpriram em seus dias. Como alguém é capaz de explicar o aparente fracasso da profecia de Ageu? Zorobabel, um descendente de Davi e governador de Judá, era o oficial representante da dinastia davídica na comunidade pós-exílica da época. Sendo assim, a profecia de exaltação futura do trono davídico estava ligada à sua pessoa. Assim como fez com o templo (cf. Ag 2.6-9), Ageu relacionou a realidade escatológica a uma entidade histórica tangível para garantir a seus contemporâneos que Deus tinha planos maiores para Seu povo. Zorobabel era a garantia visível de um futuro glorioso para a casa de Davi. Nos dias de Ageu, algumas pessoas podem até ter alimentado uma esperança messiânica na pessoa de Zorobabel. Entretanto, no progresso da revelação e história, Jesus Cristo cumpriu a profecia de Ageu”.¹²⁵

“Quem sabe a profecia deva ser aceita ao pé da letra, mas com um elemento implícito de contingência a ela anexado. O Senhor pode ter desejado restaurar a glória do trono davídico nos dias de Zorobabel, apenas para que houvesse desdobramentos subsequentes dentro da comunidade pós-exílica que fizessem com que Ele adiasse esse evento, dessa forma relegando Zorobabel a um protótipo do grande rei que estava por vir”.¹²⁶

“Esses pronunciamentos foram realmente cumpridos em Zorobabel? Será que ele liderou uma restauração da monarquia israelita que foi acompanhada da destruição das nações gentílicas conforme descreve Ageu? A história deste período não fornece qualquer tipo de evidência de que isso ocorreu. As promessas de Ageu não se realizaram na pessoa de Zorobabel. Pelo contrário, não muito tempo após o proferir dessa profecia, Zorobabel some de cena. A história não nos conta sobre o que aconteceu com ele ou sob que condições ele terminou sua vida”.¹²⁷

“É improvável que Ageu esperasse um cumprimento a longo prazo de suas palavras. Ele não tinha como prever a distância temporal que poderia existir entre a predição e o cumprimento”.¹²⁸

Este oráculo final promete uma queda das nações gentílicas que, nos dias de Ageu, exerciam soberania sobre Israel. Um descendente do rei Jeoaquim, e antes dele Davi, seriam os agentes divinos naqueles dias. Ele viria dos descendentes de Zorobabel e seria similar a Zorobabel, no sentido de que Ele seria o

¹²⁵ Chisholm, “A Theology...”, pág. 422.

¹²⁶ , *Handbook on...*, pág. 455.

¹²⁷ Taylor, págs. 198-199.

¹²⁸ *Ibid.*, pág. 201.

governador político do povo de Deus. Enquanto Deus havia retirado Seu anel de selar (símbolo da escolha divina e do investir com autoridade) de Jeoaquim (Jr 22.24), Ele daria novamente este anel a um futuro descendente de Zorobabel.

Essa restauração do anel de selar real (i.e., o trono de Davi) era um ato de pura graça e fidelidade da parte de Yahweh, uma vez que os israelitas não mereciam tal futuro e não seriam capazes de criar um futuro para si assim. Essa mensagem teria encorajado e motivado aqueles que retornaram do exílio a completarem o templo uma vez que ainda existia um futuro glorioso para a nação nos planos de Deus.

“O sermão de Ageu alternou entre acusação e encorajamento (Isso é verdade a respeito da maioria dos profetas e num certo sentido deveria caracterizar todo ministério). O primeiro sermão foi basicamente negativo. O segundo visou ao encorajamento. [O terceiro] ...fala novamente sobre reprovação e acusação. E... o último é positivo e encorajador”.¹²⁹

“O que, então, Ageu está dizendo para os cristãos de hoje? Estas quatro coisas constituem a base da mensagem dele; estes são os seus princípios para servirmos ao Senhor. 1. A obra do Senhor tem prioridade sobre qualquer outra obrigação.... 2. Aquele que obedece a Deus e trabalha, confiando em Sua presença permanente, é distanciado do desânimo... 3. A obra do Senhor exige instrumentos puros, separados do pecado... 4. A obra do Senhor, executada com fé, está ligada ao Seu plano soberano para os homens e para as nações”.¹³⁰

¹²⁹ Alden, pág. 588.

¹³⁰ F. Gaebelin, pág. 244. Divisões de parágrafo e itálicos omitidos.

Bibliografia

- Ackroyd, Peter R. *Exile and Restoration*. Old Testament Library series. Londres: SCM, 1968.
- Alden, Robert L. "Haggai." Em *Daniel-Minor Prophets*. Vol. 7 de *The Expositor's Bible Commentary*. 12 vols. Editado por Frank E. Gaebelein and Richard P. Polcyn. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1985.
- Archer, Gleason L., Jr. *A Survey of Old Testament Introduction*. Chicago: Moody Press, 1964. Edição revisada. 1974.
- Baldwin, Joyce G. *Haggai, Zechariah, Malachi: An Introduction and Commentary*. Tyndale Old Testament Commentaries series. Leicester, Inglaterra, e Downers Grove, Ill.: Inter-Varsity Press, 1972.
- Baxter, J. Sidlow. *Explore the Book*. 1960. Edição de volume único. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1980.
- Boda, Mark J. *Haggai, Zechariah*. O Comentário Aplicativo da NVI. Grand Rapids: Zondervan, 2004.
- Bramer, Stephen J. "Suffering in the Writing Prophets (Isaiah to Malachi)." Em *Why, O God? Suffering and Disability in the Bible and the Church*, págs. 147-159. Editado por Larry J. Waters e Roy B. Zuck. Wheaton: Crossway, 2011.
- Bright, John. *A History of Israel*. Philadelphia: Westminster Press, 1959.
- Chisholm, Robert B., Jr. *Handbook on the Prophets*. Grand Rapids: Baker Book House, 2002.
- _____. *Interpreting the Minor Prophets*. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1990.
- _____. "A Theology of the Minor Prophets." Em *A Biblical Theology of the Old Testament*, págs. 397-433. Editado por Roy B. Zuck. Chicago: Moody Press, 1991.
- Darby, John Nelson. *Synopsis of the Books of the Bible*. Edição revisada. 5 vols. New York: Loizeaux Brothers Publishers, 1942.
- Dyer, Charles H., and Eugene H. Merrill. *The Old Testament Explorer*. Nashville: Word Publishing, 2001. Reimpresso como *Nelson's Old Testament Survey*. Nashville: Thomas Nelson Publishers, 2001.
- Edersheim, Alfred. *The Temple: Its Ministry and Services As They Were at the Time of Jesus Christ*. Reimpressão. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1972.
- Eichrodt, Walther. *Theology of the Old Testament*. 5a. edição revisada. 2 vols. Traduzido por John A. Baker. The Old Testament Library series. Philadelphia: Westminster Press, 1961 and 1967.

Feinberg, Charles Lee. "Haggai." Em *The Wycliffe Bible Commentary*, págs. 889-896. Editado por Charles F. Pfeiffer e Everett F. Harrison. Chicago: Moody Press, 1962.

_____. *Habakkuk, Zephaniah, Haggai, Malachi*. The Major Messages of the Minor Prophets series. New York: American Board of Missions to the Jews, 1951.

Finegan, Jack. *Handbook of Biblical Chronology*. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1964.

Freeman, Hobart E. *An Introduction to the Old Testament Prophets*. Chicago: Moody Press, 1968.

Gaebelein, Arno C. *The Annotated Bible*. 4 vols. Reimpressão. Chicago: Moody Press, e Nova York: Loizeaux Brothers, 1970.

Gaebelein, Frank E. *Four Minor Prophets: Obadiah, Jonah, Habakkuk, and Haggai*. Chicago: Moody Press, 1970.

Hamerton-Kelly, R. G. "The Temple and the Origins of Jewish Apocalyptic." *Vetus Testamentum* 20 (1976):1-15.

Hanna, Kenneth G. *From Moses to Malachi: Exploring the Old Testament*. 2a. edição. Editado por Roy B. Zuck. Bloomington, Ind.: CrossBooks, 2014.

Harrison, R. K. *Introduction to the Old Testament*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1969.

Henry, Matthew. *Commentary on the Whole Bible*. Edição de volume único. Editado por Leslie F. Church. Grand Rapids: Zondervan Publishing Co., 1961.

Ironside, Harry A. *Notes on the Minor Prophets*. Nova York: Loizeaux Brothers, 1947.

Jacob, Edmond. *Theology of the Old Testament*. Traduzido por Arthur W. Heathcote e Philip J. Allcock. Nova York e Evanston, Ill.: Harper & Row, 1958.

Jamieson, Robert; A. R. Fausset; e David Brown. *Commentary Practical and Explanatory on the Whole Bible*. Reimpressão. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1961.

Kaiser, Walter C. Jr. *Toward an Old Testament Theology*. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1978.

Keil, Carl Friedrich. *The Twelve Minor Prophets*. 2 vols. Traduzido por James Martin. Biblical Commentary on the Old Testament. Reimpressão. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1949.

Koole, J. L. *Haggai*. Commentar op het Oude Testament series. Kampen, Netherlands: Kok, 1967.

Lewis, Clive Staples. *The Problem of Pain*. New York: MacMillan, 1947.

Lindsey, F. Duane. "Haggai." Em *The Bible Knowledge Commentary: Old Testament*, págs. 1537-1544. Editado por John F. Walvoord e Roy B. Zuck. Wheaton: Scripture Press Publications, Victor Books, 1985.

Longman, Tremper, III and Raymond B. Dillard. *An Introduction to the Old Testament*. 2a. edição. Grand Rapids: Zondervan, 2006.

McGee, J. Vernon. *Thru the Bible with J. Vernon McGee*. 5 vols. Pasadena, Calif.: Thru The Bible Radio; e Nashville: Thomas Nelson, Inc., 1983.

Merrill, Eugene H. *An Exegetical Commentary: Haggai, Zechariah, Malachi*. Chicago: Moody Press, 1994.

Meyers, Carol L., e Eric M. Meyers. *Haggai, Zechariah 1—8*. The Anchor Bible series. Garden City, N.Y.: Doubleday and Company, Inc., 1987.

Morgan, G. Campbell. *An Exposition of the Whole Bible*. Westwood, N.J.: Fleming H. Revell Company, 1959.

_____. *Living Messages of the Books of the Bible*. 2 vols. Nova York: Fleming H. Revell Co., 1912.

_____. *The Unfolding Message of the Bible*. Westwood, N.J.: Fleming H. Revell Co., 1961.

_____. *The Westminster Pulpit: The Preaching of G. Campbell Morgan*. 10 vols. Londres: Pickering & Inglis Ltd., n.d.

Motyer, J. Alec. "Haggai." Em *The Minor Prophets: An Exegetical and Expositional Commentary*, 3:963-1002. 3 vols. Editado por Thomas Edward McComiskey. Grand Rapids: Baker Books, 1992, 1993, and 1998.

The Nelson Study Bible. Editado por Earl D. Radmacher. Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1997.

The New Scofield Reference Bible. Editado por Frank E. Gaebelein, et al. Nova York: Oxford University Press, 1967.

Parker, Richard A., e Waldo H. Dubberstein. *Babylonian Chronology 626 B.C.-A.D. 75*. Providence, R.I.: Brown University, 1956.

Payne, J. Barton. *The Theology of the Older Testament*. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1962.

Pusey, E. B. *The Minor Prophets*. Barnes on the Old Testament series. 2 vols. Reimpressão. Grand Rapids: Baker Book House, 1973.

- Robinson, George L. *The Twelve Minor Prophets*. N.c.: Harper & Brothers, 1926; reimpressão, Grand Rapids: Baker Book House, 1974.
- Smith, George Adam. *The Book of the Twelve Prophets Commonly Called the Minor*. 2 vols. Vol. 1: 1a. edição Vol. 2: 7a. edição. The Expositor's Bible. Editado por W. Robertson Nicoll. Londres: Hodder and Stoughton, 1903.
- Smith, Ralph L. *Micah-Malachi*. Word Biblical Commentary series. Waco, Tex.: Word Books, Publisher, 1984.
- Stern, Ephraim. *Archaeology of the Land of the Bible. Vol. II: The Assyrian, Babylonian, and Persian Periods, 732-332 BCE*. Anchor Bible Reference Library series. Nova York: Doubleday, 2001.
- _____. *Material Culture of the Land of the Bible in the Persian Period 538-332 B.C.* Warminster, Inglaterra: Aris & Phillipps; Jerusalém: Israel Exploration Society, 1982.
- Swindoll, Charles R. *The Swindoll Study Bible*. Carol Stream, Ill.: Tyndale House Publishers, 2017.
- Taylor, Richard A., e E. Ray Clendenen. *Haggai, Malachi*. New American Commentary series. Nashville: Broadman & Holman Publishers, 2004.
- Verhoef, Pieter A. *The Books of Haggai and Malachi*. New International Commentary on the Old Testament series. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1987.
- von Rad, Gerhard. *Old Testament Theology*. 2 vols. Traduzido por D. M. G. Stalker. Nova York e Evanston, Ill.: Harper & Row, 1962 and 1965.
- Waltke, Bruce K. *An Old Testament Theology*. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 2007.
- Westermann, Claus. *Prophetic Oracles of Salvation in the Old Testament*. Louisville: Westminster/John Knox Press, 1991.
- Wiersbe, Warren W. "Haggai." Em *The Bible Exposition Commentary/Prophets*, págs. 437-446. Colorado Springs, Colo.: Cook Communications Ministries; e Eastbourne, England: Kingsway Communications Ltd., 2002.
- Wiseman, D. J. *Chronicles of Chaldaean Kings (625-556 B.C.) in the British Museum*. Londres: Trustees of the British Museum, 1961.
- Wolf, Herbert. "The Desire of All Nations in Haggai 2:7: Messianic or Not?" *Journal of the Evangelical Theological Society* 19 (1976):97-102.
- _____. *Haggai and Malachi*. Everyman's Bible Commentary series. Chicago: Moody Press, 1976.

Wood, Leon J. *The Prophets of Israel*. Grand Rapids: Baker Book House, 1979.

Young, Edward J. *An Introduction to the Old Testament*. Edição revista. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1960.